

Imagética de Vasos Gregos

Apresentação

Alexandre Carneiro Cerqueira Lima^[1]

Imagética de Vasos Gregos consiste em um dossiê da *Revista Tempo* composto por cinco artigos de pesquisadores interessados em decodificar os signos criados nos *ateliês* de artesãos domiciliados nas *póleis*.² As cenas pintadas no suporte cerâmico despertam o interesse de pesquisadores de várias disciplinas por conta da variedade de temáticas e de práticas sociais representadas. Tais artefatos são, para nós historiadores, um testemunho do imaginário helênico. Como observou Jean-Pierre Vernant, no prefácio da obra *La Cité des Images*, a imagética é uma construção. Trata-se de uma obra da cultura e a criação de uma linguagem própria expressada na *teckné* do artífice (Vernant, 1984, p. 5).

O interesse ou mesmo fascínio pelas pinturas nos vasos gregos pode ser constatado entre os visitantes de vários museus espalhados pelo mundo. As galerias e salas do Museu Arqueológico Nacional de Atenas, do Museu do Louvre ou do Museu Arqueológico de Amsterdã (*Allard Pierson Museum*) abrigam vitrines repletas de vasos confeccionados em várias regiões do antigo mundo helênico. Os espectadores dessas obras logo percebem a diversidade de cenas e de temas representados. Fica latente o olhar e a interpretação do artesão acerca das práticas religiosas, das divindades, dos mitos e das experiências de vida de mulheres e de homens que viviam mergulhados em uma mesma cultura. Crianças e adultos ficam, até hoje, admirados com as cenas de confronto de heróis, com as imagens de ritual de casamento ou mesmo com as belas representações de atletas no ginásio e na palestra.

Homens e mulheres na Antiguidade utilizavam os vasos em seu cotidiano. O objeto poderia ou não possuir imagem pintada em sua superfície e isso denotaria seu uso e também o seu valor. Em uma casa grega, as mulheres poderiam utilizá-los tanto na cozinha quanto no gineceu fazendo a “*toilette*”. No santuário, cultuadores poderiam libar um deus com taças ou dedicar vasilhames às divindades *poliades*. Ou seja, os vasos e suas imagens circulavam em espaços privados e públicos de uma mesma *pólis*, transmitindo mensagens polissêmicas a todos que os vislumbrassem. As práticas relacionadas à fabricação, à

Artigo recebido em 17 de abril de 2015 e aprovado para publicação em 6 de julho de 2015.

[1] Professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF) - Niterói (RJ) - Brasil. E-mail: alexcarneiroclima@yahoo.com.br.

manipulação e à comercialização dos vasos gregos estimularam estudiosos de diferentes disciplinas a desbravar uma instigante e fecunda área de pesquisa sobre a Antiguidade.

A imagética grega despertou o interesse na comunidade acadêmica principalmente na virada do século XIX para o XX. Os pioneiros em identificar os estilos de pintura, proveniência dos vasos e sua catalogação foram Ed. Pottier e J. D. Beazley. O *Corpus Vasorum Antiquorum* (CVA), idealizado por Pottier, e as obras de referência de cerâmica ática de figuras negras e de figuras vermelhas, bem como de cerâmica etrusca, organizadas por Beazley, proporcionaram um avanço significativo nos estudos científicos da cerâmica grega (Lissarrague, 2013). Dessa forma, arqueólogos e ceramólogos, ao longo do século XX, organizaram inúmeros catálogos de vasos a partir dos sítios onde eles foram encontrados, bem como elaboraram obras norteadas pelas temáticas pintadas (representação de peixes, imagens de caça, cenas de *kômos*, imagens ritualísticas de “bacantes” etc.). Atualmente, o grande público tem acesso, sem sair de casa, a banco de dados, catálogos e acervos de museus e de universidades por meio da rede mundial de computadores (CVA, Projeto Beazley, Museu do Louvre).

Nós, historiadores, começamos, a partir da década de 80 do século XX, a trabalhar de fato com a documentação imagéticas em utilizá-la de forma ilustrativa, como anteriormente ocorria em livros e manuais escolares de história antiga grega (Schmitt Pantel, 2013). A preocupação em organizar um *corpus* imagético e tratá-lo de forma adequada, ou seja, utilizando métodos advindos da semiótica e da história da arte, proporcionaram uma verdadeira “revolução” nos estudos das imagens na cerâmica grega e de suas mensagens.²

Os debates entre arqueólogos, historiadores da arte e ceramólogos, nos últimos anos, foram registrados em obras coletivas, dossiês temáticos e anais, frutos de colóquios. Uma das preocupações constantes consiste no processo de criação dos oleiros e dos pintores. Em um *ergasthérion* (oficina), o artífice está conectado tanto com referenciais internos, de seu bairro e de sua comunidade,³ quanto com trocas externas. Os estudiosos constataram intercâmbios de temáticas e de técnicas entre os próprios demiurgos. Um pintor de vasos poderia, por exemplo, se inspirar em uma criação de um escultor ou então de outro pintor de pintura parietal (Croissant, 1999; Snodgrass, 2004).

O presente dossiê tem como objetivo, portanto, proporcionar um *tópos* de diálogo e de debate sobre as possibilidades de estudos da imagética de vasos gregos. O encontro dos pesquisadores do Anhima,⁴ precursores de uma “antropologia das imagens”, com os do Nereida tem possibilitado justamente mapear as trocas de técnicas artesanais, os usos de inscrições nas imagens, a circulação de vasos no Mediterrâneo, assim como os empregos de métodos para

²A título de exemplo, podemos indicar os seguintes trabalhos que tiveram uma clara preocupação metodológica: Bérard, 1983, fasc. 4, p. 5-37; Frontisi-Ducroux, 1991; Steiner, 2007.

³Os trabalhos apresentados no encontro sobre o pintor Euphronios, domiciliado no bairro do Cerâmico, nos ajudam a pensar sobre os intercâmbios entre artesãos de uma mesma *pólis*. Denoyelle, 1992.

⁴O Anhima foi criado em 2010 e congregou pesquisadores dos seguintes centros, a saber: Centro Louis Gernet, Centro Gustave Glotz e Phéacie.

decodificar os signos criados pelos artesãos tanto na cerâmica ática quanto na coríntia. Espero que este dossiê estimule discussões e futuras pesquisas acerca das imagens, seus significados e suas mensagens elaborados pelos pintores gregos na Antiguidade.

Alexandre Carneiro Cerqueira Lima é professor do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) e pesquisador do Nereida/ UFF.

O autor agradece imensamente ao Professor Doutor François Lissarrague pela ajuda em interceder junto aos autores na adesão à proposta deste dossiê.

Referências bibliográficas

- BÉRARD, Claude. Iconographie-iconeologie-iconeologique, *Études de lettres*, Fasc 4, p. 5-37, 1983.
- CROISSANT, Francis. La Peinture grecque et l'histoire des styles archaïques. In: VILLANUEVA PUIG, Marie-Christine *et al.* *Céramique et peinture grecques: modes d'emploi*. Paris: La Documentation Française, 1999.
- CVA. <http://www.cvaonline.org/cva/>
- DENOYELLE, Martine. *Euphronios peintre* (org.). Paris: La Documentation Française, 1992.
- FRONTISI-DUCROUX, Françoise. *Le Dieu-masque: une figure du Dionysos d'Athènes*. Paris: Éditions la Découverte, 1991.
- LISSARRAGUE, François. Ler e olhar a imagem: balanço e perspectivas de pesquisa sobre a imagética grega. In: LIMA Alexandre Carneiro Cerqueira (org.) *História e imagem: múltiplas leituras*. Niterói: Editora da UFF, 2013, 29-40.
- Museu do Louvre, departamento das antiguidades gregas, etruscas e romanas - <http://www.louvre.fr/departments/>
- SCHMITT PANTEL, Pauline. Imagens e história grega. In: LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira (org.) *História e imagem: múltiplas leituras*, Niterói: Editora da UFF, 2013, 9-28.
- Projeto Beazley. <http://www.beazley.ox.ac.uk/archive/>
- SNODGRASS, Anthony. *Homero e os artistas*, São Paulo: Odysseus, 2004.
- STEINER, Ann. *Reading greek vases*. Cambridge University Press, 2007.
- VERNANT, Jean-Pierre. Préface. In: BÉRARD, Claude *et al.* *La Cité des Images*. Paris: Fernand Nathan, 1984.